

NARRATIVAS BRASILEIRAS DO SÉCULO XXI: DE QUE CONTEXTO LITERÁRIO ESTAMOS FALANDO?

Ana Paula Teixeira Porto¹

RESUMO: O rol de narrativas literárias brasileiras do século XXI é vasto e complexo e estimula a reflexão sobre o cenário literário que se desenvolve nesse contexto. Com o objetivo de discutir traços dessa produção sob o ponto de vista de dois elementos-chave, o leitor e o escritor, este artigo contempla uma abordagem acerca do perfil de escritores dessas narrativas literárias nas duas últimas décadas e esboça reflexões sobre os destinatários desses textos. A partir de pesquisa bibliográfica, o estudo mostra que o perfil desses escritores assinala aproximações e distanciamentos em relação ao do século XX e que o público leitor, mais restrito, passa a ser objeto de atenção de quem escreve, configurando um processo acentuadamente mercadológico para a literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas literárias; século XXI; autor; público.

RESUMEN: El rol de narrativas literarias brasileñas del siglo XXI es vasto y complejo y estimula la reflexión sobre el escenario literario que se desarrolla en ese contexto. Con el objetivo de discutir trazos de esa producción desde el punto de vista de dos elementos clave, el lector y el escritor, este artículo contempla un abordaje acerca del perfil de escritores de esas narrativas literarias en las dos últimas décadas y esboza reflexiones sobre los destinatarios de esos textos. A partir de la investigación bibliográfica, el estudio muestra que el perfil de estos escritores señala aproximaciones y distanciamentos en relación al del siglo XX y que el público lector, más restringido, pasa a ser objeto de atención de quien escribe, configurando un proceso acentuadamente mercadológico para la literatura.

PALABRAS CLAVE: Narrativas literarias; siglo XXI; autor; público.

Na produção de narrativas literárias brasileiras do século XXI, assistimos a um momento literário singular, pelo menos em termos quantitativos quando pensamos no volume de textos - entre contos, romances e novelas - publicados. Na discussão do contexto em que essa literatura surge, Zilberman (2010) aponta o aumento do número de publicações de livros escritos por autores brasileiros, o alargamento do público leitor, o crescimento do mercado e a globalização de sua circulação como fenômenos desse novo tempo. Isso aponta para um fenômeno interessante do ponto de vista da ampliação de espaços dados à literatura à medida que possibilitam novos nichos de circulação literária, nos quais a obra passa a ser, de forma cada vez mais clara, um produto para consumo.

O conceito de literatura como produto, assim como o são aqueles destinados a outros objetivos que não os de leitura e formação humana, é visto no processo de comercialização das obras, que passam a ser vendidas em espaços variados onde a literatura não é o objeto central a despertar o interesse do consumidor. Supermercados e igrejas são fontes de acesso às produções, entre as quais a de literatura, porém não toda a literatura porque a atenção recai

¹ Mestre e doutora em Letras. Professora do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, câmpus de Frederico Westphalen. E-mail: anapaula@uri.edu.br

para a mais conhecida e mais vendável. As tradicionais livrarias, mesmo as revitalizadas com “sede” virtual, já não são o único local de exposição criado para compra de livros e de obras literárias. Pelo menos é isso o que ratifica o estudo do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (2016) ao mostrar como as editoras comercializam seus produtos, entre os quais a literatura, e sinalizar que o rol de “canais de comercialização” inclui livrarias (inclusive as digitais), bancas de jornal, internet, templos, igrejas, supermercados, entre outros.

No contexto do século XXI, além desses veículos de “popularização” da literatura, é importante relacionar os canais da internet, especialmente os canais literários do You Tube, como ferramentas importantes de disseminação de obras literárias recentes para públicos amplos, em geral formados por jovens. Estamos nos referindo aos *BookTubes*, que produzem um tipo específico de canal literário no *YouTube* com o objetivo de compartilhar informações sobre leitura de livros através de vídeos, que, com brevidade e apelo à atenção do internauta com brincadeiras, humor e cenas inusitadas, chamam a atenção para determinadas obras literárias.

Em estudo sobre canais desse rol bastante acessados, Silva (2016, p. 14) revela que eles “se apresentam como fonte de informação sobre hábitos de leitura, uma vez que os *BookTubers* adotam como rotina a publicação de vídeos relatando os títulos lidos e suas metas de leitura, geralmente mês a mês”. Além disso, é possível observar que são canais que selecionam preferencialmente as obras do momento, as mais recentes, as que são da chamada literatura *best-seller*, do que aquelas mais antigas, canônicas embora sobre essas também se encontrem comentários.

A construção desses canais voltados à literatura não é tão recente, data do início do século XXI, mas se disseminou em meados de 2009 com produções nos Estados Unidos especialmente, as quais já eram acessadas por internautas não estadunidenses também. Produzidos por pessoas que nem sempre têm qualquer formação na área de literatura, crítica literária ou jornalismo literário, os canais cumprem um papel importante: fazer circular informações sobre literatura e, quiçá, promover o interesse pela leitura desses textos. Elegem tanto as obras de gosto pessoal do *booktuber* quanto aquelas que são indicadas por editoras, que, observando um mercado consumidor atraente, investem nesse tipo de marketing.

Se por um lado, podemos atribuir a esse processo uma caracterização da literatura como produto, por outro temos de reconhecer que a ampliação dos espaços onde ela pode ser vislumbrada é uma possibilidade de tentar torná-la mais familiar a todos, desconstruindo-se a

ideia de que literatura é difícil, é para poucos, é inatingível, é para tarefas escolares. Temos a expansão de um mercado de divulgação literária por meio eletrônico, capaz de tornar as obras mais próximas de um possível público leitor, o que se constitui uma contribuição importante para um país de poucos leitores de literatura.

Além do aumento do número de obras e de sua divulgação em veículos pouco explorados no século passado, a literatura do século XXI marca um outro contexto de produção. Zilberman (2010) assinala que o crescimento de publicações ocorre em suportes variados: não são mais os livros impressos o principal mote para divulgar a produção literária. Blogs e sites especializados - alguns de editoras com links específicos para divulgação de determinadas obras e outros dos próprios autores, assim como a proliferação de livros eletrônicos, de custo bem menos elevado que o do livro impresso, assinalam o *boom* de obras nesses novos tempos. Um *boom* que é constatado pela pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, idealizada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros. De acordo com o levantamento de 2016, a publicação de obras literárias, incluindo literatura adulta, infantil e juvenil, ainda é menor que a produção didática, mas, somadas as três categorias, os textos literários atingem 13,99% das vendas, enquanto que as didáticas chegam a 48,88%, e os livros de auto-ajuda, a 4,78%, e os religiosos, 20,79%.

O desenvolvimento do número de obras literárias comprova, por um lado, que se produz muito, talvez a maior produção já vista no país, e, por outro, mostra como a sobrevivência da literatura no contexto atual serve-se de metodologias antigas. Falamos do movimento criado no século XIX quando o desenvolvimento da imprensa e dos folhetins foram meios significativos para ampliação do número de obras literárias e de seus leitores. De modo similar, a literatura recente percorre esse mesmo caminho no sentido de se apropriar de recursos tecnológicos e os meios de comunicação de seu tempo para inserir as obras em horizontes de leitura.

Esse aumento de produção pode ser explicado por algumas razões. Uma delas é a facilidade de se publicar. Não é preciso grandes investimentos para impressão de livros, pois é possível expor as criações de textos em sites de forma gratuita ou em organizações digitais cujo orçamento é bastante restrito se comparado a uma pequena tiragem impressa. O escritor Marcelino Freire, por exemplo, mantém um blog, o *Ossos do Ofídio*, no qual publica poemas e contos inéditos, interage com os internautas e divulga suas participações em eventos

culturais e literários e os cursos que ministra. Raphael Draccon e Fabrício Carpinejar também investem nesse tipo de suporte para publicizar suas produções.

Também não é preciso uma grande editora. Escritores criam as suas próprias editoras e não dependem das tradicionais, que em muitos casos publicam apenas autores que já têm certa notoriedade e que, potencialmente, podem trazer lucratividade nas vendas. Este é o caso de Daniel Galera, que começou sua produção assim: com dois sócios, criou sua própria editora e lançou seu primeiro livro, *Dentes guardados*, em 2001. Em outra investida, sem a dependência de editoras de grandes grupos, surgem as “editoras virtuais”, como a Amazon, que apresenta um processo de “aceleração assombrosa do programa incipiente de publicação que irá colocar a Amazon de frente contra as empresas que são também seus mais proeminentes fornecedores” (STREITFELD, 2016).

Com essas alternativas editoriais, muitos escritores, sem ter a possibilidade de publicar suas obras em editoras de grande circulação nacional e valer-se de uma atenção de agentes literários e demais profissionais que criam identidade à obra e ao escritor, optam por essas possibilidades com o objetivo de que suas obras possam ter uma maior circulação. Enfim, buscam meios para que seus textos tenham leitores. Configura-se assim o trabalho do escritor como um sujeito empenhado em tornar sua obra conhecida do público.

Os eventos voltados à literatura, como feiras e concursos literários, e circulação de autores em espaços escolares também impulsionam a produção do século XXI, incluindo a de autores que começaram a publicar nas últimas décadas, e dão um novo status à literatura à medida que “recompensam escritores consagrados, colaborando para sua estabilidade profissional” (ZILBERMAN, 2010, p. 184). Muitos, com produção intensa como Milton Hatoum, Luiz Ruffato e Cristóvão Tezza, podem ser listados nesse seletivo grupo que pode usufruir dos ganhos de suas obras literárias e não depender de outras funções para sobrevivência.

A importância dos eventos apontada por Zilberman (2010) para circulação de obras e autores também é compartilhada por Helena Bonito Pereira (2013, p. 15) ao afirmar que

Contribuem também para a visibilidade das obras os lançamentos e sessões de autógrafos em que autores e principiantes ou já consagrados falam diretamente ao público. No que se refere à produção ficcional, as premiações literárias podem melhorar as condições para o exercício criativo ou para consolidar carreiras.

Helena Bonito Pereira (2013) acrescenta ainda que bienais, feiras, jornadas, encontros e até baladas literárias também são estratégias para aproximar os escritores do público e através desses eventos despertar o interesse pelo livro e pela leitura. Porém ela adverte que essa aproximação também se assemelha ao “passeio ao shopping center” porque nem sempre as pessoas que frequentam esses espaços são afeitas à leitura. Para a pesquisadora, essas atividades pelo menos têm o mérito de assegurar a presença da ficção em bibliotecas, centros e lares brasileiros.

O que se constata, nesse cenário, é uma busca de meios diversificados – blogs, e-books, sites, eventos destinados à leitura, aproximação do escritor, arte literária como produto – para tentar atingir um público leitor para tantas obras que concorrem entre si para chamar a atenção de um possível destinatário sem o qual ela pode perder o valor. No entanto, podemos pensar: Com tanta produção no século XXI, há leitores para ela? Ao que parece, há, embora, para os brasileiros, a leitura não seja a atividade preferida e tampouco a de livros, que são objeto de menor interesse do que de revistas e jornais, como mostra a pesquisa do Instituto Pró-Livro publicada em *Retratos da Leitura no Brasil 4* (2016).

O estudo, realizado a cada três anos com aplicação de questionário a uma amostra de cerca de 5.000 brasileiros, objetiva identificar hábitos e motivações para a leitura, além quantificar quantos livros se lê ao ano por habitante e apontar o perfil do leitor e do não leitor de um modo geral. Segundo os dados obtidos, o Brasil conta com 88,2 milhões de leitores, ou seja, 50% da população – 7,4 milhões a menos do que em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores. Contudo é necessário ressaltar que os dados são relacionados à leitura de livros em geral e não os de literatura em particular.

A investigação mostra que a média de livros lidos por ano é de 4,96, um pouco a mais que o apontado em 2012 quando a média era de 4,7. Porém a maioria dos livros lidos são didáticos indicados pela escola (47%), o que ratifica a importância das seleções de leitura escolar e os efeitos que um trabalho de mediação de leitura pode suscitar. A investigação revela ainda que a preferência de leitura é pelos textos não literários, uma vez que a bíblia, livros religiosos e técnicos estão entre os mais visitados. Contos, romances e biografias são as opções menos citadas, ratificando um fenômeno conhecido há anos: o pouco interesse pela literatura.

Nesse rol de leituras de livros literários, o que se lê, segundo esses dados, não são textos contemporâneos de nossa literatura. Permanecem na preferência dos leitores autores

clássicos do século XIX e da primeira metade do século XX, além daqueles que a crítica especializada renega como alta literatura, com a obra de Paulo Coelho - autor que aparece em todas as quatro edições da pesquisa como um dos mais lidos, e aqueles de auto-ajuda, como os de Augusto Cury e Zíbia Gasparetto, os quais também se distanciam do que tradicionalmente se considera literatura.

No quadro a seguir, temos uma amostra desse perfil de leitores. Um dos mais expoentes escritores de nossa literatura, Carlos Drummond de Andrade, aparece na sexta colocação, sendo considerado menos relevante que Paulo Coelho.

QUADRO 1 – Os autores lidos

Escritor brasileiro mais admirado		
	2011	2007
Monteiro Lobato	1º	1º
Machado de Assis	2º	4º
Paulo Coelho	3º	2º
Jorge Amado	4º	3º
Carlos Drummond de Andrade	5º	7º
Maurício de Souza	6º	10º
José de Alencar	7º	9º
Vinícius de Moraes	8º	5º
Zíbia Gasparetto	9º	13º
Augusto Cury	10º	17º
Érico Veríssimo	11º	8º
Cecília Meireles	12º	6º
Chico Xavier	13º	16º
Padre Marcelo Rossi	14º	-
Ziraldo	15º	15º
Manuel Bandeira	16º	14º

Foram citados
197 escritores

De 2007 para 2011:
Deixam de estar
entre os 25 mais
citados: Ruth Rocha,
Edir Macedo, Castro
Alves, Raquel de
Queiroz e Luis
Fernando Veríssimo.

Retratos da Leitura no Brasil 4 (2016, p. 293)

Com base nos dados de *Retratos da Leitura no Brasil 4* (2016), podemos pensar que, na conhecida tríade que configura o sistema literário, proposto Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*, no qual defende que o sistema se completa quando há autor, obra e público, podemos reconhecer que este último, ao contrário do escritor, parece ofuscado. Lê-se pouca literatura e, quando ela é objeto de leitura, a contemporânea não é a opção central, pois não aparecem nas preferências autores que figuram entre os produtores de narrativas literárias no século XXI.

Essa constatação aponta para um paradoxo: uma produção quantitativa singular para poucos leitores ou então para aqueles leitores seletos que veem na literatura um instrumento ainda importante. Em outros termos, muitos livros para poucos leitores. O que parece ser um

ponto central dessa reflexão é o possível horizonte de poucos leitores para essa literatura do século XXI, à exceção daqueles autores já conhecidos e publicados por editoras que dominam o mercado. Presumível também que a leitura de obras recém-publicadas acaba sendo direcionada a um público muito especializado, como estudantes de literatura, pesquisadores e professores de Letras, e muito restrito, pois os nomes desses escritores não aparecem nas listagens de preferências de leitura, como a apontada na pesquisa do Instituto Pó-Livro.

Nessa linha de raciocínio, parece-nos claro que, se há facilidade para produção de qualquer obra e escritor, o mesmo não ocorre no processo de cativar leitores. Isso explicaria, pelo menos em parte, a atenção dada por escritores à divulgação, promoção e comercialização de suas obras, pois eles, em geral, mostram-se mais familiares do público e buscam interação com ele. Atuam, em alguns casos, como agentes de sua literatura, exercendo um árduo trabalho de procura por leitores.

Nesse contexto, ainda parece oportuno fazer uma observação sobre o consumo de literatura. Ele continua obedecendo, pelo menos em parte, a paradigmas conservadores nos quais obras associadas a “grandes” autores já validados pela crítica são objetos de maior interesse do público geral. Sob esse ponto de vista, a literatura brasileira do século XXI ainda terá de enfrentar o tempo, ou melhor, o distanciamento temporal para que, depois de reconhecida a sua qualidade, possa se tornar referência a seus leitores e usufruir do prestígio literário. Dessa forma, pelo menos algumas obras desse século terão de ficar à espera de uma canonização para ter mais leitores.

Ao pensarmos em destinos da literatura do século XXI, podemos ainda questionar quem seriam os leitores dessa produção. Apesar de não termos dados de uma pesquisa científica de caráter etnográfico, arriscamo-nos a acreditar que há três grupos centrais de leitores para essa produção: aqueles que leem textos de autores já consagrados, conhecidos e que têm suas produções difundidas por grandes editoras, são, portanto, leitores que consomem literatura até por influência das políticas editoriais; esse primeiro grupo seria uma continuidade do perfil de leitores dos séculos anteriores. O segundo grupo seria composto por leitores especializados, geralmente formados por profissionais da área de literatura e afins, ou seja, aqueles que buscam novos autores e obras para a partir deles construir seus próprios cânones. Esses leitores com um olhar mais técnico podem ser exemplificado pelos estudantes da graduação e da pós-graduação em Letras que, à procura de novos recortes e objetos, têm na literatura do século XXI uma extensa lista de opções. De certa forma, esses leitores também

contribuem para a disseminação dessa produção literária recente mesmo que seja num ambiente predominantemente acadêmico.

O terceiro grupo de leitores para essa literatura do século XXI está relacionado àquele leitor que interage na internet, compartilha informações na rede e é um sujeito ativo em blogs, redes sociais e páginas de escritores. Pode ser o reflexo inclusive da audiência dos canais literários, como já mostramos. Esse traço corresponde ao do leitor ubíquo, tal como propõe Santaella (2010). É um perfil de leitor novo, imersivo nas redes, antenado nas novas produções, na busca de outros objetos com os quais possa interagir.

Se temos uma noção de quem são possíveis leitores das narrativas do século XXI, podemos nos perguntar também quem são os seus autores. A primeira resposta é que são muitos. A lista é muito maior daquela que tínhamos nos anos 80, por exemplo. Se pensarmos nos requisitos idade e estreia na literatura, encontramos jovens escritores, começando sua produção, como Daniel Galera, Maria Esther Maciel, Mário Sabino e Ruy Câmara, que ingressaram na literatura há menos de 16 anos; mas também vemos aqueles mais experientes cuja produtividade inicial remonta a segunda metade do século XX, como Nélide Piñon e Modesto Carone.

A multiplicidade de escritores é destacada por Helena Bonito Pereira e Lílian Lopondo. Para as autoras, “Um olhar de relance aos escritores revela de imediato a diversidade, em termos de faixa etária, ano de estreia, volume ou regularidade de suas publicações, importância ou reconhecimento acadêmico e crítico” (PEREIRA; LOPONDO, 2011, p. 19). Conclusão disso: todos podem ainda escrever literatura, já que novos ou “velhos” estão investindo no mesmo projeto de produção literária.

Em comum esses dois perfis – menos experientes e mais experientes em literatura - buscam essencialmente escrever, expor suas produções, compartilhá-las mesmo que para isso tenham de se submeter às novas regras de mercado. Nestas, encontramos a necessidade de uma maior visibilidade da própria figura do escritor, que, para ter sua produção conhecida, não pode ficar apenas “enclausurado” em seu escritório; pelo contrário, precisa estar visível ao olhar de possíveis leitores. A necessidade de ser visível justifica a circulação de escritores – já conhecidos ou não – em feiras, em atividades escolares e eventos dedicados à leitura e à literatura para promover as obras e conquistar novos leitores. Isso ainda explica por que autores que dispõem de certa estabilidade profissional estão circulando em vários eventos, inclusive os acadêmicos, promovidos por instituições de ensino superior.

Também estão nesse perfil aqueles que escrevem por encomenda, reforçando a ideia de literatura como produto de consumo: aderem a projetos editoriais para compor narrativas com roteiros previamente estabelecidos, como, por exemplo, é a coleção “Amores Expressos”, da Companhia das Letras, na qual autores consagrados como Luiz Rufatto, Bernardo Carvalho e Sérgio Sant’Anna fizeram parte, produzindo *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), *O filho da mãe* (2009) e *O livro de Praga* (2011) respectivamente.

Ainda chama atenção o fato de que a maioria das narrativas romanescas produzidas do século XXI – pelo menos as que têm obtido uma ou mais premiações importantes - serem escritas por homens brancos. Em estudo sobre os romances premiados de 2000 a 2016 pelo Prêmio Jabuti, Picolotto (2017, p. 104) traça um perfil dos escritores que se consagram nessa premiação e conclui que, dos treze escritores contemplados nessas edições,

[...] há uma valorização de autores do sexo masculino, que residem no eixo Rio-São Paulo, com uma formação acadêmica, uma condição financeira favorável, com idade entre 50 a 60 anos, demonstrando mais experiência, mas que são “jovens” na literatura, possuem poucas obras publicadas.

Embora a constatação da pesquisadora se refira apenas a uma premiação e, portanto, não seja ampla nem generalista nem sinalize um quadro completo de produção literária dos últimos anos, ela indica algumas tendências de quem são os escritores que constroem os romances literários no século XXI, ou melhor, quem tem tido mais ampla visibilidade. Não há escritores negros nas listas, por exemplo. Uma das razões para permanência desse quadro histórico de autores brancos pode estar associada à escolarização. Para Regina Zilberman (2010, p. 185), temos "uma sociedade mestiça, mas na literatura predominam os brancos porque são um grupo que recebeu mais instrução. Hoje, o acesso de grupos mistos à universidade é maior, mas essas pessoas de que estamos falando foram formadas nos anos 1970. Pode ser que no futuro haja maior equilíbrio."

Além disso, a maioria dos escritores são homens. Isso revela a dominação masculina quando pensamos na questão da visibilidade de romances e no “apagamento” da literatura escrita por mulheres que, apesar de serem premiadas, o são em número muito menor se comparado com os prêmios obtidos por escritores homens. Não significa que as mulheres não produzem ou que sua produção não tem valor, mostra a continuidade de um lastro histórico no país de privilégio à literatura de homens, como manuais de literatura, por exemplo, também ratificam.

Romances de autoria feminina produzidos no século XXI e que tenham notoriedade em premiações existem, mas são poucas se comparadas à lista masculina. Integram esse grupo seletivo, por exemplo, os romances: *Sinfonia em Branco* (2001), de Adriana Lisboa, vencedor do Prêmio José Saramago e finalista do Prix des Lectrices da edição francesa da revista Elle; *A Chave de Casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, contemplado no primeiro lugar no Prêmio São Paulo de Literatura, em 2008; *Vozes do Deserto* (2004), de Nélide Piñon, escolhido o livro de ficção do Prêmio Jabuti 2005, ano em que também recebeu o prêmio espanhol Príncipe das Astúrias.

Essa disparidade de gênero de escritores dá continuidade ao mesmo processo a que assistimos em nossa literatura: a preponderância de escritores homens e o silenciamento de vozes autorais femininas. O fenômeno é facilmente percebido na constituição de nosso cânone e em nossa historiografia literária, marcados por exclusões e ocultamento de autores e obras de minoria. É nessa linha que o estudo sobre romances publicados de 1990 a 2004 feito por Regina Dalcastagnè sinaliza que os autores, na maioria, são brancos (93,9%), homens (72,7%), moram no Rio de Janeiro e em São Paulo (47,3% e 21,2%, respectivamente). Se fizermos um recorte relativo apenas à produção do século XXI, constatamos que esse quadro não se altera.

A disparidade das seleções também se relaciona à questão da naturalidade dos romancistas. O fato de a maioria dos escritores serem oriundos do eixo Rio-São Paulo também permite reflexões. A primeira e inegável é a facilidade que as duas regiões mais desenvolvidas do Brasil têm em projetar-se para as demais regiões brasileiras, mostrando suas produções e estimulando sua comercialização, e isso inclui a questão da disseminação da literatura. E nessas capitais que se concentram agentes literários de maior prestígio e capacidade de inserção de autores no meio editorial, assim como se situam as maiores editoras, as que conseguem distribuir suas obras para o Brasil inteiro. Além disso, há também uma programação cultural e literária mais intensa que favorece a circulação de obras e autores e por consequência amplia as possibilidades de divulgação literária. Não é à toa que muitos autores de outros estados migram para o Rio ou São Paulo, fixando-se nesses locais para dar continuidade a seus projetos relacionados à literatura.

O empoderamento da região também acarreta um movimento de inclusão/exclusão. Se há uma maior facilidade de inclusão de autores desse eixo no rol de leituras no país, há também a exclusão de outros que não integram o grupo. Têm maiores chances de exclusão do

seleto time de autores premiados aqueles que estão foram de Rio ou São Paulo, porque mais distantes de quem faz a literatura ou a julga pelo seu possível mérito.

Um simples levantamento de dados sobre romances do século XXI contemplados em premiações também ilustra essas reflexões quanto à naturalidade dos autores destacados. O romance *Cinzas do norte* (2005), de Milton Hatoum, do escritor amazonense que vive em São Paulo, foi vencedor do prêmio Jabuti 2006; *Vista parcial da noite* (2006), de Luiz Ruffato (autor mineiro radicado no Rio), obteve o segundo lugar na categoria romance do prêmio Jabuti 2007; *O Filho Eterno* (2007), do curitibano Cristovão Tezza, foi ganhador do prêmio Portugal Telecom de Literatura, mas seu autor mora no Rio há vários anos; *O Drible* (2013), de Sérgio Rodrigues, obteve o Prêmio Portugal Telecom 2014; *K. - Relato de uma Busca* (2011), de Bernardo Kucinski, jornalista e escritor paulista, foi aclamado pela crítica e finalista dos prêmios Portugal Telecom e São Paulo de Literatura de 2012; *Se Eu Fechar Os Olhos Agora* (2009), do carioca Edney Silvestre, é narrativa consagrada com Prêmio Jabuti de melhor romance em 2010 e com Prêmio São Paulo de literatura melhor livro de autor estreante em 2010; *Nove noites* (2002), do também carioca Bernardo Carvalho, foi vencedor do Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira. Esses dados comprovam a visibilidade de escritores do eixo Rio-São Paulo no contexto literário nacional.

Realizando um apanhado dessas informações, podemos, em linhas gerais, refletir sobre o contexto de produção de narrativas literárias das duas últimas décadas. Uma das possibilidades de pensar esse cenário é refletir em que medida a produção literária do século XXI traz inovações do ponto de vista de quem são os autores e em que medida ela “repete” parâmetros tradicionais. Sob o ângulo do perfil de escritores, entendemos que pouco mudou: jovens e experientes, brancos na maioria, vindos do um mesmo espaço geográfico ou se deslocando para este – Rio-São Paulo, apenas dão vazão ao que já conhecemos. Em outros termos, comparando-se o perfil de romancistas dos séculos XX e XXI, vemos um quadro muito similar. Há, assim, uma continuidade no perfil dominante de quem escreve narrativa literária no Brasil independentemente da época histórica.

O que parece diferenciar escritores dos séculos XXI e XX de forma mais nítida são o diálogo que empreendem com as mídias e o público leitor e o uso de novos meios de divulgação literária. No cenário atual, a aproximação com as mídias e a ampliação do contato com os possíveis leitores é uma resposta também o contexto que temos: a literatura (e seus agentes) precisa encontrar leitores para que possa continuar existindo de uma forma mais

profícua. Então, é preciso chegar a esse público, o que exige do escritor uma postura mais receptiva a espaços de circulação de obras e autores, os quais historicamente não eram explorados para esse fim. Além disso, parece haver necessidade de uma postura menos elitista dos escritores talvez no sentido de compreender a literatura como um produto que precisa ser divulgado, que, para sobreviver, deve estar associado a lógicas de demanda/consumo.

Da mesma forma, o uso dos meios digitais como instrumento de tornar possíveis as publicações passam também ser uma possibilidade de manter a produção literária no rol de interesses do público. Ignorar o quanto as tecnologias e a internet fazem parte do cotidiano das pessoas e o quanto esse aparato pode facilitar a circulação literária seria uma atitude propensa para o apagamento da literatura em contextos em que ela não é objeto de atenção central. Pelo menos, observamos que essa perspectiva tem sido considerada tanto pelos escritores quanto pelo mercado editorial, cujas ações também colaboram para que tenhamos leitores para uma produção tão vasta como a do século XXI.

Ainda em relação aos destinatários dessa produção, o que compõe o segundo elemento-chave da reflexão ora desenvolvida, é possível traçar algumas reflexões. A primeira diz respeito a uma expansão de quem pode se tornar um leitor das narrativas, pois há um aparato tecnológico mais intenso que no século passado para transpor o texto literário ao leitor, como comprovam a criação de blogs, a publicação de textos digitais em novos suportes de divulgação literária, assim como a maior proximidade entre autor e leitor. Está mais fácil ter acesso à literatura recente porque se encurtaram os distanciamentos da obra com o público.

A segunda observação relaciona-se ao fato de que, embora o acesso à literatura seja muito mais fácil, isso diretamente não acarreta maior número de leitores para essa produção. Cada vez se lê menos literatura, pelo menos fora dos espaços destinados à sua compreensão como escolas, universidades e centros de pesquisa, já que, como aponta a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4* (2016), a preferência dos brasileiros é por leituras não literárias e, quando estas ocorrem, são de autores canônicos, cuja produção remonta ao século XX.

Dessa forma, uma das conclusões é de que a literatura contemporânea, além de disputar a atenção com obras que já fazem parte do cânone, sofre ainda mais com o fenômeno da falta de interesse pela leitura literária, fato conhecido há décadas em nossa história. Uma luta desigual porque, se pensarmos num dos fatores que mais interfere na leitura literária – as indicações escolares, essa literatura recente ainda terá de enfrentar novos desafios. Praticamente inexistente tanto nos livros didáticos que chegam às escolas e pouco explorada

nos cursos de formação de professores de Letras, nos quais há um apagamento progressivo da literatura, a produção narrativa do século XXI terá de encontrar novas formas de cativar leitores, ampliando seus horizontes de recepção.

REFERÊNCIAS

- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7380/1/ARTIGO_PersonagemRomanceBrasileiro.pdf. Acesso em: 27 jun. 2016.
- FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf> Acesso em: maio. 2017.
- PEREIRA, Helena Bonito Couto. *Ficção brasileira no século XXI: terceiras leituras*. São Paulo: Mackenzie, 2013.
- PEREIRA, Helena Bonito Couto; LOPONDO, Lílian. Introdução. In: PEREIRA, Helena Bonito (Org.). *Novas leituras da ficção brasileira no século XXI*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. p. 17-30.
- PICOLOTTO, Emanneli Ballin. *Prêmio Jabuti e os romances premiados no século XXI: diálogos e intersecções*. 2017. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras – área de Literatura Comparada, Mestrado em Letras, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões). Frederico Westphalen, 2017.
- SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.
- SILVA, Renata Prado Alves. *BookTube: Livros e Leitura em Vlogs no YouTube. Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX e Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo – SP, 05 a 09/09/2016. Disponível em: portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1079-1.pdf. Acesso em: 12 abr. 2017.
- SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro - Ano Base 2016*. 2016. Disponível em: <http://www.snel.org.br/esta-no-ar-a-pesquisa-producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro-ano-base-2016-confira/>. Acesso em: 10 maio 2017.
- STREITFELD, David. Editora para quê? Só precisamos de autores, leitores... e da Amazon. Disponível em: <http://www.autor20.com/editorapraque/>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- ZILBERMAN, Regina. Desafios da literatura brasileira na primeira década do séc. XXI. *Nonada*, Porto Alegre, n. 15, p. 183-200, 2010. Disponível em: seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/276/189. Acesso em: 25 ago. 2015.

**Artigo enviado em agosto de 2017.
Artigo aceito em novembro de 2017.**